

MARIA DO CÉU FIALHO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JAIME ALVAR
coord.

O SOL GRECO-ROMANO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA, UNIVERSIDAD CARLOS III

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

O SOL GRECO-ROMANO

COORDENAÇÃO

Maria do Céu Fialho

José d'Encarnação

Jaime Alvar

EDIÇÃO

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto

Universidad Carlos III – Instituto de Historiografía Júlio Caro Baroja

CAPA

Motivo: Relógio «Bras en l'Air» ou «Colossus»

http://zorigami.free.fr/odd_watches/colossus.htm

APOIOS

Fundação para a Ciência e Tecnologia (POCI/2010)

Fundação Calouste Gulbenkian

Fundação Eng^o. António de Almeida

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Imprensa de Coimbra, Lda. Largo de São Salvador, 1-3 – 3000-372 Coimbra

ISBN 978-989-8281-16-6

Depósito legal nº 297963/09

1ª edição: Dezembro de 2008

Tiragem: 500 exemplares

PREÂMBULO

Desde os primórdios civilizacionais que o Homem sentiu a sua dependência vital desse ciclo de trevas e de luz que ilumina o mundo e faz brotar a vida, na Natureza. O tempo de trevas — tempo de inação e de repouso — foi percebido como reino do sono e da proximidade da morte.

O curso total do dia transportava para essa ausência da luz a expectativa de que o Sol, desaparecido no horizonte, a Ocidente, quiçá mergulhado no mar, garantisse uma nova aurora, reaparecendo, no seu carro, para dar início a outro dia, a Oriente. Esse Oriente significava esperança de um ciclo confirmado, de que a ordem do mundo e da vida fossem, diariamente, confirmados.

Essa luz., dimanada do Sol, constituindo um meio universal de representação, abre ao homem a noção de espaço, ilumina mundo e cria laços relacionais entre quem à luz vê e aquele que à luz é visto.

Este era o fulcro vital da experiência de existir, de estar vivo, para o Grego antigo. Viver e ver a luz do Sol eram sinónimos. Ver a luz do Sol implicava a reciprocidade, ilimitada, por parte do astro-deus, fonte de vida, senhor e princípio de tudo, para algumas religiões da bacia oriental do Mediterrâneo, não esquecendo a reforma da religião egípcia de Akenaton, fugaz, mas que deixaria as marcas do seu monoteísmo. O culto de Mitra será apropriado por Roma e assimilado às suas práticas cultuais.

Viver e ver a luz do Sol viabilizava, conscientemente, “ver à luz do Sol” o que se deixava ver e era marcado pelo brilho solar — a beleza e a harmonia refulgiam a essa luz, na sua dimensão estética mas também ética, pois o que é harmónico, para o Grego, é belo e bem constituído — logo, bom.

Ao olho do Sol nada escapava; dele não podia o Homem esconder as suas acções. Omnividente, era invocado na fórmula dos juramentos gregos. É compreensível que esta omnividência e a força poderosa de gerar vida e manter vida o fizessem coincidir com outras divindades poderosas, o viessem, mais tarde, em Roma, por influência oriental, ou na Europa cristianizada, a converter em símbolo do próprio poder, estilizado na arte religiosa cristã. O poder régio

européu, de cariz absolutista recupera, das matrizes culturais, o imaginário associado ao Sol para reforçar a iconografia do seu próprio poder.

Paralelamente, a vivência de um mundo iluminado, visível pelo poder do astro-rei, em que a visibilidade do Bem e do Belo são preciosas, abriria caminho para a inspiração filosófica em Platão.

Muitas são as marcas destas vivências primordiais que alicerçam a nossa própria forma de ver o mundo, conceber o poder, construir a dimensão ética, dar consistência à percepção estética. Muitas são as marcas materiais que do mundo greco-romano nos ficaram, assim como das ditas “Civilizações Pre-clássicas”, na pedra, no metal, no papiro, no pergaminho, dentro de nós.

Por esse motivo, entendendo ser este um tema fulcral na construção de uma identidade cultural, se procedeu à organização deste volume temático, numa concepção necessariamente interdisciplinar.

Agradecemos o papel determinante desempenhado pela Reitoria da Universidade de Coimbra para possibilitar a reunião de especialistas, nacionais e estrangeiros, que debateram o tema, bem como o não menor mecenatismo da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e da Fundação Eng. António de Almeida, sem o qual não teria sido possível a edição deste volume temático.

Coimbra, 30 de Dezembro de 2008

Os Coordenadores do Volume

EM JEITO DE CONCLUSÃO

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
Universidade de Coimbra

«Nada acontece por acaso»!

Na sexta-feira, 2 de Março de 2007, estreou, no Teatro Experimental de Cascais, *Medeia*, peça de Mário Cláudio em que o mito assume conscientemente as vestes da actualidade. Sentimo-nos a declarar, no final do espectáculo: tão próxima de nós está esta Medeia, encarnação dos nossos medos, das nossas vitórias, da nossa difícil caminhada! E... vimos encontrá-la aqui, neste volume, assumindo, mui provavelmente, o cariz de uma deusa solar vinda de tempos imemoriais. Tempo e distância galgados!

No sábado, deliciámo-nos todos, a noite estava límpida, com um dos mais encantadores eclipses da Lua, a mostrar-se-nos redonda, como raramente a logramos imaginar a olho nu. Sim, foi a Lua, não o Sol; mas sabíamos que, por detrás de nós, do outro lado, ele estava lá e uma simples Terra lograra roubar-lhe os raios e fazer baixar a muitos graus negativos a superfície lunar. Encantamento! – uma sensação com que, hoje, raramente somos confrontados, tão variada se nos vai a vida, tamanhas são as inovações esplêndidas com que o quotidiano nos brinda.

Encantamento é, porém, o que nos invade **menos** ao despontar da Aurora, que nos chega na azáfama do começo do nosso dia, os segundos e os minutos a pressionaram-nos num horário bem apertado; e **mais** ao final do dia, a maravilha alaranjada do sol-pôr... Compreendemos, pois, o motivo por que os magistrados romanos não deixavam de ir de abalada até ao templo sito no sopé da Serra da Sintra,¹ para ali, no *finis terrae*, perante o astro-rei a mergulhar no pro-

¹ Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), «Da imaginação e do rigor», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 10, 2001-2002, p. 387-404 (sobretudo p. 392-393).

fundo mistério do mar infinito, formularem votos sinceros pela saúde do imperador reinante, que representavam...²

Por conseguinte, o primeiro traço a registar, em jeito de conclusão, não poderia deixar de ser este: o da **grande actualidade** do tema que deu vida a este volume. Greco-romano é este Sol? Foi. É nosso agora! E a Antiguidade Clássica ultrapassa os séculos, mantém-se, perdurará, na beleza dos seus mitos, na cumplicidade connosco dos seus heróis eternos.

Aliás, quem não sorriu com um Aristófanes de sempre, a contar-nos da pele alva das mulheres – palidez colhida entre paralisantes paredes... «um primor de brancura», disse alguém –; a declarar a tez bronzeada dos homens, fruto de buliçosa actividade ao ar livre. E espreitámos a ida à fonte; a intimidade da alcova, onde só o testemunho discreto duma lamparina se permite... O manto da noite que faz a mulher revelar-se como é – e o homem também, claro está!...

Luz e sombra, noite e dia, Sol presente e Sol que se esconde... Sol real e sol mitológico, que os pintores, em todos os tempos, quiseram imortalizar nas suas telas.

O segundo ponto, depois da actualidade, tem de ser, por conseguinte, o da **interdisciplinaridade**. Escrevem-nos de França e de Espanha a louvar o esquema programático proposto, porque – bem no vimos – a nossa viagem, montados no carro do Sol, fez-se por variadíssimas paragens, guiados por especialistas oriundos de universidades irmãs com que mantemos laços muito grandes.

Atentámos nas formas escultóricas e iconográficas.

Lemos as inscrições e os monumentos epigráficos.

Passeámo-nos por entre os vestígios arqueológicos, em ambiente urbano (a cidade construída de acordo com o nascer e o pôr do Sol)³ e nas *villae* rurais, onde *a fortiori* o Sol teve de ocupar lugar de relevo também.

Examinámos as moedas, veículo primordial de propaganda, o imperador *Sol oriens*, esperança primeira de mui radiosa jornada...

Foi, porém, a literatura o prato forte onde copiosamente saboreámos manjares. E o Sol sempre presente – nos primórdios, das culturas pré-clássicas, na tragédia, na comédia, na lírica, no teatro!... Sempre! Em tempo de Gregos, em tempo de Romanos, no Cristianismo (Cristo, o novo Sol – e não é o Natal o *dies natalis Soli Invicti?*), no Renascimento, hoje, nos nossos poetas e escritores.

E ousámos, inclusive, a astronomia – quais Ícaros a voar em direcção às alturas!...

² Cf. LE ROUX (Patrick), «Les dévotions des gouverneurs de province dans la Péninsule Ibérique au Haut empire romain», in VIGOURT (Anne) *et alii* (dir.), *Pouvoir et Religion dans le Monde Romain (en hommage à Jean-Pierre Martin)*, PUPS, Paris, 2006, p. 367-385 (sobretudo p. 373-374).

³ E é inevitável recordar Tomás Campanella e a sua *Cidade do Sol* (1623).

* * *

Ficou, pois, perfeitamente demonstrado na convergência de saberes, ao vivo, que originou o congresso do qual nasceu este volume temático, que o Sol está omnipresente. Sedutor, amigo, mágico, por mais explicações científicas que sobre ele se queiram gizar. Quando se eclipsa – e vimo-lo em mais do que uma intervenção aqui –, para além da sombra, o manto frio nos vem cobrir, os animais espantam-se, o Homem interroga-se, incrédulo, medroso até. Na verdade, postados ali, à beira-mar, vendo o grande disco a despedir-se no pélagos devorador, o que muito nos conforta é saber que estamos numa de faz-de-conta, num infantil jogo de escondidas – pois temos a certeza de que, do outro lado, ele amanhã vai surgir, por mais carrancudas que as nuvens se lhe apresentem.

Naquele sábado, aliás, foi assim. A Lua fez-se redonda de chumbo, sem luz, mas nós sabíamos que «aquilo» era apenas momentâneo. Depressa o Sol retomaria o seu lugar e a Terra deixaria de ser um empecilho

Bem hajam as entidades que prontamente nos ajudaram; bem hajam os nossos colaboradores; bem hajam todos os que nos vieram ensinar a ver o Sol com olhos mais atentos e sabedores.

ÍNDICE

MARIA DO CÉU FIALHO – <i>Introdução</i>	5
JOSÉ AUGUSTO RAMOS – <i>O sol no seu nascente: mitologias solares das culturas pré-clássicas...</i>	7
NUNO SIMÕES RODRIGUES – <i>Medeia, a Deusa Solar. Proposta de releitura de uma velha problemática</i>	31
MARIA DO CÉU FIALHO – <i>Viver e ver a luz do sol</i>	43
MARTA VÁRZEAS – <i>A poesia solar de Píndaro</i>	53
FÁTIMA SOUSA E SILVA – <i>O Sol e o género na comédia ateniense</i>	63
SUSANA MARQUES PEREIRA – <i>O sol dissipador de pesadelos</i>	77
LUCÍA ROMERO MARISCAL – <i>O sol em Eurípides</i>	83
LEONOR SANTA BÁRBARA – <i>Luz e morte nas tragédias de Eurípides</i>	95
CARMEN SOARES – <i>Heródoto e o Sol dos Outros</i>	101
DAVID SANTOS – <i>A analogia do sol à luz de Platão</i>	115
CARLOS JESUS – <i>Quando o dia se fez noite. Arquíloco e Plutarco face ao espectáculo do eclipse solar</i>	129
AURORA LÓPEZ/ANDRÈS POCIÑA – <i>A Aurora e o Sol na poesia latina clássica</i>	145
VASCO MANTAS – <i>As cidades do Sol</i>	161
CLÁUDIA TEIXEIRA – <i>Heliogábalos e o culto do Sol: ascensão e queda de uma divindade</i>	193
JAIME ALVAR – <i>El Mitraísmo en Hispania</i>	203
ARMANDO REDENTOR – <i>As representações solares nas estelas romanas do Nordeste transmontano</i>	225
LUÍS DA SILVA FERNANDES – <i>Invocando o sol em Colares: do locus sacerromano ao museu arqueológico</i>	249

PAULA BARATA DIAS – <i>Trabalho, calendário monástico e ano solar. Exemplos de adaptações do preceito do trabalho em alguns textos monásticos</i>	257
NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES – <i>A simbologia Ético-Política do sol no Renascimento</i>	273
CARLOTA MIRANDA – <i>O Sol, signo da linguagem espiritual e devocional no início da modernidade</i>	297
TERESA CARVALHO – <i>A poesia de Manuel Alegre: o Carro do Sol num «rectângulo de sombra»</i>	307
FRANCESCO DE MARTINO – <i>A iconografia do Sol de inspiração greco-romana</i>	315
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO – <i>Conclusões sobre o Sol Greco-Romano</i>	359